REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

MANIFESTAÇÕES DO PATRIARCADO NO CINEMA VENEZUELANO. ESTUDO DE CASO: "MACU, A MULHER DO POLÍCIA"

MANIFESTATIONS OF PATRIARCHY IN VENEZUELAN CINEMA. CASE STUDY: "MACU, THE POLICEMAN'S WIFE"

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas • 12/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794525900

Daniela Marisol Pérez Angarita[1]

Orlando José Bastidas[2]

Nancy Santana Cova[3]

Diana Mariluz Pérez Angarita[4]

Antonio Duarte Neto[5]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central descrever e analisar as distintas formas e expressões que assume o patriarcado no cinema venezuelano, utilizando como estudo de caso o filme *Macu, la mujer del policía*. A metodologia baseou-se no análise semiótico dos códigos visuais, gestuais e discursivos da obra para a construção de categorias e significados de dominação-subordinação, articulado ao análise de conteúdo de referências bibliográficas e eletrônicas sobre a teoria do patriarcado. A partir da observação e interpretação das cenas, identificaram-se situações de abuso de poder, violência de gênero no âmbito familiar, relações de dominação-subordinação, violência intragênero e intergênero, além de desvantagem social e cultural. Concluiu-se que a obra reproduz a dinâmica social marcada pelo modelo patriarcal, demonstrando o potencial do cinema e da análise semiótica como ferramentas para a desconstrução crítica dos discursos hegemônicos de gênero.

Palavras-chave: Patriarcado; Poder; Violência de Gênero; Cinema Venezuelano.

ABSTRACT

This article aims to describe and analyze the different forms and expressions assumed by patriarchy in Venezuelan cinema, using the film *Macu, the Policeman's Wife* as a case study. The methodology was based on the semiotic analysis of visual, gestural, and discursive codes to build categories of domination-subordination, combined with content analysis of literature on patriarchal theory. Through observation and interpretation, situations involving abuse of power, gender violence, domination-subordination relationships, intra- and inter-gender violence, and social disadvantage were identified. It was concluded that the film reproduces social dynamics shaped by the patriarchal model, demonstrating the potential of cinema and

semiotics to critically deconstruct hegemonic gender discourses.
Keywords: Patriarchy; Power; Gender Violence; Venezuelan Cinema.

1. INTRODUÇÃO

O tema do patriarcado no cinema venezuelano, abordado no presente artigo, constitui uma importante categoria de análise para compreender as relações de poder entre homens e mulheres e as formas pelas quais a desigualdade de gênero é representada e reproduzida no campo audiovisual. O patriarcado pode ser compreendido como uma estrutura social e cultural sustentada por relações hierárquicas que historicamente favoreceram a autoridade masculina e limitaram a autonomia das mulheres. Nesse sentido, sua análise ultrapassa a dimensão individual e envolve instituições, práticas sociais, representações culturais e formas simbólicas de legitimação da desigualdade.

A noção de patriarcado relaciona-se ao sistema sexo-gênero, no qual diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres são transformadas em papéis, expectativas e relações desiguais de poder. Embora as formas de dominação tenham se modificado historicamente, seus efeitos continuam presentes nas relações familiares, no trabalho, na sexualidade, na participação social e nas representações culturais. Fontenla (2008) destaca o caráter estrutural do patriarcado, enquanto Santana (2005) evidencia como as relações de gênero são atravessadas por práticas e discursos de poder tanto na esfera pública quanto na privada. Estudos mais recentes reforçam que essas relações também podem ser identificadas nas produções cinematográficas, nas quais os personagens, seus corpos, comportamentos e trajetórias são

construídos dentro de determinados regimes de representação (Wulandhari; Reza, 2024; Gunadi; Azwar, 2024).

Nesse contexto, o cinema não deve ser compreendido apenas como entretenimento, mas também como uma prática cultural capaz de produzir, reproduzir e questionar significados sociais. As imagens cinematográficas participam da construção de imaginários sobre masculinidades, feminilidades, sexualidade, família e relações de poder. A análise contemporânea das representações cinematográficas demonstra que o audiovisual pode tanto reforçar padrões patriarcais quanto criar espaços de resistência e questionamento das desigualdades de gênero. Fernández-Castrillo e Lara López-Arza (2022), ao discutirem a violência simbólica na teoria fílmica feminista, evidenciam como as narrativas audiovisuais podem contribuir para a manutenção da dominação masculina e dos mandatos de gênero. De modo semelhante, Gunadi e Azwar (2024), utilizando a semiótica de Roland Barthes, demonstram como signos, imagens, conotações e mitos cinematográficos podem revelar estruturas patriarcais presentes nas relações sociais.

Essa perspectiva permite compreender o cinema como um espaço de disputa simbólica. As representações não são neutras, pois selecionam determinados modos de visualizar os sujeitos, os conflitos e as relações sociais. Estudos sobre as relações de gênero no cinema demonstram que as representações femininas podem reproduzir padrões patriarcais, estereótipos e relações de dominação, mas também construir possibilidades de resistência e contestação dessas estruturas. Kamita (2017) destaca que o discurso cinematográfico pode tanto reforçar valores tradicionais quanto questionar as representações hegemônicas da mulher. De modo complementar, Ferreira et al. (2023) identificam a permanência da

erotização e dos estereótipos associados às mulheres latinas, ressaltando também o cinema como espaço de resistência, protagonismo e construção de novas formas de representação feminina.

A discussão torna-se particularmente relevante quando relacionada ao cinema venezuelano, que tem abordado problemas sociais associados à violência, à desigualdade, às relações familiares e às transformações políticas e econômicas do país. Nesse contexto, Valladares-Ruiz (2020) analisa as subjetividades masculinas em crise no cinema venezuelano contemporâneo, destacando as relações entre desigualdades sociais, conflitos familiares e tensões políticas. Ao examinar produções como Desde allá (2015) e La familia (2017), a autora evidencia como essas narrativas problematizam as estruturas patriarcais, as relações entre pais e filhos, as construções das masculinidades e os conflitos que atravessam diferentes gerações.

Essa perspectiva permite ampliar a compreensão do cinema venezuelano produzido em diferentes períodos históricos. Se, por um lado, determinadas obras podem reproduzir modelos tradicionais de masculinidade e feminilidade, por outro, também podem revelar criticamente as estruturas sociais que sustentam essas relações. Dessa maneira, o filme *Macu, la mujer del policía* (1987) apresenta-se como objeto relevante para investigar a articulação entre gênero, poder, violência, sexualidade, família e desigualdade social. A escolha da obra justifica-se pela presença de elementos narrativos e simbólicos que permitem observar relações de dominação e subordinação em diferentes espaços da vida social.

No contexto latino-americano, a cultura patriarcal esteve historicamente associada à divisão sexual do trabalho e à separação

entre as esferas pública e privada. Essa organização atribuiu aos homens maior participação nos espaços de poder, trabalho e decisão, enquanto às mulheres foram frequentemente associados o cuidado, a reprodução e as atividades domésticas (Cuvi, 1992; Santana, 2005). Entretanto, uma abordagem contemporânea exige compreender essas relações como processos dinâmicos, atravessados também por condições econômicas, sociais, culturais e simbólicas. A análise do cinema, portanto, permite observar como essas estruturas são representadas e naturalizadas, mas também como podem ser questionadas.

A relação entre poder e patriarcado também pode ser compreendida a partir de Quijano (2000), para quem o poder constitui uma relação social marcada pela dominação, exploração e conflito. Essa perspectiva contribui para compreender que as desigualdades de gênero não se restringem às relações interpessoais, mas articulam-se a estruturas mais amplas de autoridade, trabalho, sexualidade e subjetividade. Nesse sentido, a representação de personagens como Ismael e Macu pode ser analisada considerando não apenas suas características individuais, mas também os papéis sociais e as posições de poder atribuídas a cada personagem.

Outro elemento relevante refere-se à representação visual do corpo e da autoridade. A vestimenta, os espaços ocupados pelos personagens, os gestos, os diálogos, os enquadramentos e os objetos presentes nas cenas constituem signos que participam da produção de significados. A análise semiótica permite, portanto, ultrapassar a descrição superficial das imagens e investigar os sentidos sociais e culturais construídos por elas. Estudos recentes sobre a representação do patriarcado no cinema demonstram a

pertinência dessa abordagem para identificar relações de dominação, resistência, controle do corpo e desigualdade de gênero (Gunadi; Azwar, 2024; Wulandhari; Reza, 2024).

Diante do exposto, o objetivo geral deste trabalho é descrever e analisar as manifestações e expressões do patriarcado no filme venezuelano *Macu, la mujer del policía*. Como objetivos específicos, busca-se identificar os papéis de dominação e subordinação exercidos pelos personagens principais; analisar os símbolos e códigos visuais associados ao poder, ao corpo e à vestimenta; e examinar como fatores sociais, como o nível educacional, a pobreza e a estrutura familiar, participam da reprodução das relações patriarcais representadas na obra. Dessa forma, o estudo pretende contribuir para a compreensão do cinema como espaço de representação, reprodução e problematização das relações de gênero e das estruturas de poder.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU REVISÃO DA LITERATURA

2.1. O Patriarcado e as Relações de Poder

Nossa sociedade esteve principalmente influenciada pela cultura do patriarcado. As sociedades modernas e capitalistas têm se caracterizado, em termos gerais, por apresentar uma divisão sexual do trabalho, na qual o sexo biológico se transforma em gênero social. Assim, quando o aspecto dominante dessa divisão sexual do trabalho é a desigualdade e a subordinação das mulheres, é necessário reconhecer que o resultado é uma sociedade patriarcal.

Evidentemente, o patriarcado não foi historicamente a única forma de relacionamento entre mulheres e homens, mas o aspecto significativo dessa relação é o poder. Este tem sido exercido

fundamentalmente pelos homens, deixando de lado a importante contribuição das mulheres para o desenvolvimento econômico, social e cultural da sociedade, uma vez que a forma como a sociedade foi tradicionalmente dividida também estabeleceu âmbitos separados de atuação: o espaço público, o econômico e o político, reservado quase exclusivamente ao masculino, enquanto o privado, o doméstico e a família têm sido expressão do feminino.

Nesse sentido, Gerda Lerner (1986, p. 1), citada por Fontenla (2008), define o patriarcado como "a manifestação e institucionalização do domínio masculino sobre as mulheres/crianças da família e a ampliação desse domínio sobre as mulheres na sociedade em geral".

Portanto, o patriarcado pode ser entendido como a presença hegemônica do gênero masculino sobre o feminino e outros gêneros, começando no âmbito familiar e ampliando-se progressivamente na sociedade.

Nessa perspectiva, a história da humanidade tem sido contada predominantemente a partir do ponto de vista masculino, por meio de uma linguagem androcêntrica que legitima e confere validade ao patriarcado, mediante o estabelecimento de leis, padrões, normas e costumes impostos e compartilhados em todos os âmbitos.

A noção de patriarcado apresentada por Cuvi (1992, p. 2) "mergulha no dualismo dominador-dominado, com todas as limitações teóricas e políticas que isso implica". Ou seja, o patriarcado explica a dominação masculina e a subordinação feminina; essa dominação ocorre a partir do poder em diferentes dimensões, incluindo os

aspectos físico, psicológico e também o conhecimento dos homens sobre as mulheres.

Santana (2005, p. 17), a esse respeito, afirma que “essa hierarquização entre o masculino e o feminino, como se move no campo simbólico, está profundamente arraigada em nossa consciência, em nosso discurso, inclusive em nossa linguagem e, por estar presente dessa forma, aparece como algo natural e imutável”. Agrega la autora antes señalada que (idem):

> *En relación con el género en el ámbito público, a través de distintas instancias, las relaciones, los discursos y las prácticas que se establecen son fundamentalmente de poder, pero también en la esfera domestica/privada, las relaciones afectivas están atravesadas por relaciones de poder siendo además de índole política.*

Os espaços sociais foram historicamente divididos e delimitados por relações de poder estruturadas a partir da predominância masculina. Nos ambientes públicos, o protagonismo e o exercício da liderança foram tradicionalmente atribuídos aos homens, enquanto, nos espaços privados, as mulheres foram associadas às atividades domésticas, à criação dos filhos e das filhas e aos cuidados com o lar. Essa divisão contribuiu para restringir as oportunidades de desenvolvimento intelectual, autonomia econômica e participação feminina nos espaços de decisão.

A esse respeito, Biroli e Quintela (2021) analisam a divisão sexual do trabalho a partir de dois princípios: a separação, que estabelece atividades consideradas próprias dos homens e das mulheres, e a hierarquização, que atribui maior valor social ao trabalho masculino.

As autoras destacam que essa divisão não foi superada, mas atualizada nas relações sociais contemporâneas, permanecendo como um dos obstáculos à participação política das mulheres.

Essa desigualdade também se manifesta nas produções culturais e nos meios de comunicação, que podem reproduzir representações estereotipadas sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres. Nesse sentido, Ferreira et al. (2023), ao realizarem uma revisão sistemática sobre a representatividade das mulheres latinas no cinema, identificam a permanência de representações marcadas pela erotização, pela perspectiva patriarcal e por estereótipos de gênero. Entretanto, os autores também reconhecem o cinema como um espaço de resistência, no qual as mulheres podem reivindicar visibilidade e protagonismo na construção de suas próprias narrativas.

Dessa forma, as instituições políticas, sociais e culturais não podem ser compreendidas como espaços neutros, uma vez que também participam da reprodução, negociação e transformação das relações de poder. No campo audiovisual, essas relações podem ser observadas tanto na construção dos personagens quanto nas narrativas, nos discursos e nas imagens que representam a posição social das mulheres. Assim, a análise cinematográfica permite identificar como determinadas produções reproduzem ou questionam valores e práticas associados à organização patriarcal da sociedade.

Por sua vez, Quijano (2000, p. 1) afirma que “é necessário compreender o poder como um fenômeno que legitima as práticas de dominação, exclusão e discriminação em diferentes áreas de atuação do ser humano”. O referido autor (2000) acrescenta que o

poder é caracterizado pela presença de três elementos: dominação, exploração e conflito, configurando-se como uma relação social. Também destaca que o poder afeta áreas relevantes da vida humana, expressando-se em disputas constantes pelo controle dos recursos e produtos dessas áreas, a saber: o trabalho, o sexo, a autoridade coletiva (ou pública) e a subjetividade/intersubjetividade.

Para explicar como se configura o atual padrão de poder no mundo, o mencionado autor (2000, p. 3) destaca que:

> *"Consiste na articulação entre: 1) a colonialidade do poder, isto é, a ideia de 'raça' como fundamento do padrão universal de classificação social básica e de dominação social; 2) o capitalismo, como padrão universal de exploração social; 3) o Estado, como forma central universal de controle da autoridade coletiva, e o moderno Estado-nação como sua variante hegemônica; 4) o eurocentrismo, como forma hegemônica de controle da subjetividade/intersubjetividade, particularmente no modo de produzir conhecimento".*

O estereótipo do homem como sujeito do poder é descrito por Castro-Gómez (2000, p. 147):

> *"Também havíamos afirmado que, no âmbito do projeto moderno, as ciências sociais atuaram basicamente como mecanismos produtores de alteridades. Isso ocorreu porque a acumulação de capital tinha como requisito a produção de um perfil de 'sujeito' que se adaptasse facilmente às exigências da produção: branco, homem, casado, heterossexual, disciplinado, trabalhador e dono de si mesmo"*

A visão do homem racional foi construída, segundo Castro-Gómez (2000, p. 146), “mediante o estudo do ‘outro da razão’: o louco, o indígena, o negro, o desajustado, o preso, o homossexual e o indigente. A construção do perfil de subjetividade exigido pelo projeto moderno demandava, então, a supressão de todas essas diferenças”. Os diferentes, ou seja, aqueles que não se adaptavam às exigências da produção econômica necessárias à manutenção das estruturas de poder, eram associados à irracionalidade, à ignorância e ao descumprimento das normas morais e éticas socialmente estabelecidas.

Nesse contexto, Fontenla (2008, p. 2) afirma que o patriarcado é um:

> *“Sistema de relações sexopolíticas baseado em diferentes instituições públicas e privadas e na solidariedade interclasses e intragênero, instituído pelos homens, que, como grupo social e de forma individual e coletiva, oprimem as mulheres, também individual e coletivamente, apropriando-se de sua força produtiva e reprodutiva, de seus corpos e de seus produtos, seja por meios pacíficos ou mediante o uso da violência”.*

2.2. A Estrutura Familiar e a Violência Intragênero

A partir dessa perspectiva, o patriarcado pode ser compreendido como um sistema de poder que legitima, regula e naturaliza práticas de dominação nas relações estabelecidas entre pessoas de diferentes gêneros. Essa compreensão permite reconhecer que a desigualdade de gênero não se limita às relações individuais ou familiares, mas também se manifesta nas estruturas sociais, nas instituições e nas produções culturais. Nesse sentido, analisar o patriarcado no cinema significa observar como as narrativas e

representações audiovisuais podem reproduzir, reforçar ou questionar relações históricas de poder e subordinação.

Para compreender as dinâmicas sociais retratadas no cinema venezuelano, especialmente aquelas relacionadas aos contextos urbanos populares, torna-se importante considerar as diferentes configurações familiares e as relações de poder que atravessam o cotidiano doméstico. Nesse sentido, o conceito de família matricentrada, desenvolvido por Moreno (1995), constitui uma referência importante para compreender parte da organização familiar venezuelana. Trata-se de um modelo cultural no qual a figura materna ocupa uma posição central na organização dos vínculos afetivos e na manutenção da unidade familiar, assumindo grande parte das responsabilidades relacionadas à criação dos filhos, ao cuidado e à sustentação do núcleo doméstico. Essa configuração pode ocorrer em contextos nos quais a presença paterna é instável, ausente ou não representa o principal eixo de organização das relações familiares. Entretanto, é importante ressaltar que esse modelo não representa todas as famílias venezuelanas, mas permite compreender determinadas particularidades históricas e socioculturais da sociedade.

As discussões contemporâneas sobre família e gênero contribuem para ampliar essa compreensão. Alves-Silva e Scorsolini-Comin (2022), ao investigarem a transmissão de valores e padrões familiares entre três gerações de mulheres avós, mães e filhas, identificaram a permanência de determinadas expectativas relacionadas ao casamento, à maternidade e aos papéis femininos, embora também tenham observado mudanças nas relações de gênero entre as gerações mais jovens. De maneira complementar, Carneiro (2023) demonstra que a maternidade é atravessada por normas sociais e

expectativas de gênero que influenciam as práticas de cuidado, os vínculos entre mães e filhas e as formas pelas quais as mulheres vivenciam e negociam suas responsabilidades familiares. Essas contribuições permitem compreender que a família não constitui apenas um espaço de afeto e proteção, mas também um ambiente no qual valores, comportamentos e representações sobre o feminino são transmitidos, negociados e, eventualmente, transformados.

Além disso, as relações de dominação presentes no sistema patriarcal não se manifestam exclusivamente por meio da violência direta exercida pelos homens contra as mulheres. Também podem ocorrer situações de violência entre mulheres, especialmente nas relações familiares e entre diferentes gerações. Nesse contexto, a violência intragênero permite analisar práticas de agressão, controle, humilhação e reprodução de hierarquias entre pessoas do mesmo gênero. Um estudo particularmente relevante para essa discussão foi desenvolvido por Castellano, Govea-Cabrera e Bravo (2024), no estado de Zulia, Venezuela. Por meio de relatos de vida, os pesquisadores analisaram comportamentos violentos de mulheres contra mulheres no ambiente doméstico e identificaram a presença de relações assimétricas de poder, dominação e transmissão intergeracional da violência. Os resultados também evidenciaram que algumas mulheres que anteriormente vivenciaram situações de violência podem reproduzir comportamentos agressivos em suas relações familiares, revelando a complexidade dos processos de socialização e aprendizagem da violência.

Essa discussão permite aprofundar a noção de endomachismo, apresentada por Boscán (2012), entendida como a reprodução de valores e práticas machistas nas próprias relações entre mulheres. Em determinadas circunstâncias, mães, avós e outras figuras

femininas podem transmitir às gerações seguintes ensinamentos que naturalizam a submissão, a tolerância às agressões masculinas e a manutenção de papéis tradicionais de gênero. Entretanto, essa reprodução não deve ser compreendida como uma característica natural das mulheres, mas como resultado de processos históricos e culturais de socialização, nos quais as próprias mulheres também podem ser submetidas às normas e expectativas da ordem patriarcal.

Portanto, a família pode constituir simultaneamente um espaço de acolhimento, proteção e solidariedade, mas também de reprodução de desigualdades e conflitos. Essa ambivalência é importante para a análise do filme Macu: la mujer del policía, pois permite observar como as relações entre personagens femininas, os vínculos familiares e as experiências de violência participam da construção e da manutenção de determinadas hierarquias de gênero. Desse modo, a análise não deve considerar as mulheres apenas como vítimas da dominação masculina, mas também investigar como elas podem reproduzir, negociar ou questionar os valores patriarcais presentes em seu contexto social.

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa documental, de caráter descritivo-analítico e abordagem qualitativa. O corpus de análise foi constituído por duas fontes primárias e secundárias: a obra cinematográfica venezuelana *Macu, la mujer del policía* (1987), dirigida por Solveig Hoogesteijn, e a literatura bibliohemerográfica e eletrônica especializada nas temáticas de gênero, patriarcado e análise cinematográfica.

Para a interpretação e categorização dos dados, utilizou-se a análise semiótica (Barrera, 2009; Cobley; Jansz, 2004). O método semiótico permitiu decompor a obra cinematográfica em seus elementos constitutivos (significantes e significados), considerando as dimensões de primariedade (sensações e estímulos perceptivos), secundariedade (fatos e contextos brutos da relação) e terceiridade (regras, convenções e leis culturais).

A análise procedeu-se mediante as seguintes etapas:

1. Assistência e decodificação sequencial das cenas do filme;
2. Identificação dos papéis, atributos e falas dos personagens centrais (Ismael e Macu);
3. Construção de matrizes analíticas de significados e categorias emergentes;
4. Confrontação dos achados fílmicos com a fundamentação teórica de referência.

Ficha Técnica da Obra Analisada

- **Título:** *Macu: La mujer del policía*
- **Ano:** 1987 / **Duração:** 91 minutos / **País:** Venezuela
- **Direção:** Solveig Hoogesteijn
- **Roteiro:** Milagros Rodríguez e Solveig Hoogesteijn

- **Fotografia:** Andrés Agustí | **Montagem:** José Alcalde | **Música:** Víctor Cuica

- **Elenco Principal:** Daniel Alvarado (Ismael), Daniela Alvarado (Macu criança), María Luisa Mosquera (Macu jovem), Frank Hernández, Tito Aponte, Ana Castell.

Sinopse: Baseado em fatos reais e ambientado em uma comunidade popular de Caracas, o filme retrata a história de María Inmaculada, conhecida como Macu. Aos nove anos, ela vive com a mãe, a avó e os irmãos. Nesse contexto, Ismael, um policial 20 anos mais velho, é acolhido pela família, torna-se amante de sua mãe e, posteriormente, aproxima-se da menina. Aos onze anos, Macu foge com ele e se casa com seu consentimento familiar, incluindo o da avó.

Aos catorze anos, já mãe de dois filhos, Macu apaixona-se por Simón, um jovem do bairro. Movido pelo ciúme, Ismael provoca o desaparecimento trágico de Simón e de seus amigos. Diante desse acontecimento, Macu abandona o marido e os filhos e retorna à casa materna. Inicialmente, sua mãe e sua avó a repreendem e se recusam a acolhê-la, mas, com a ajuda da irmã, ela consegue permissão para passar a noite.

Nesse momento, as lembranças da infância vêm à tona, conduzindo Macu a uma reflexão sobre seu passado e sua identidade. Apesar desse processo de introspecção, ela decide retornar para Ismael, por considerá-lo seu destino e não conseguir vislumbrar outras possibilidades para sua vida. Essa decisão evidencia as limitações de sua autonomia e as dificuldades de romper com as relações de dependência e submissão construídas ao longo de sua trajetória.

Posteriormente, Ismael é preso pelas autoridades, enquanto Macu permanece sozinha com os filhos, aguardando sua saída da prisão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES OU ANÁLISE DOS DADOS

A análise semiótica e de conteúdo do filme permitiu mapear os papéis e significados associados às relações de dominação patriarcal exercidas pelos personagens principais, organizando os achados em categorias estruturadas.

Tabela 1. Caracterização dos personagens principais da película *Macu: La mujer del policía*.

	Macu	**Ismael**
Idade	Menor de idade (9 anos)	Adulto. 20 anos maior que Macu
Condição laboral	Desempregada, dedicada aos afazeres domésticos.	Policial
Nivel educativo	Ensino fundamental (abandono escolar).	Não informado na narrativa cinematográfica
Relação de poder: – Papéis na esfera pública	A esposa do policial (submissão-dependência).	Policial (poder-autoridade).
Papéis na esfera privada.	Enteada Companheira Mãe	Padrasto Companheiro Pai

Fonte: Elaboração própria com base na análise do filme.

A disparidade de idade, a assimetria educacional e a divisão de papéis evidenciam como o poder se concentra na figura masculina. Ismael transita livremente entre a autoridade pública e o controle doméstico, enquanto Macu fica restrita ao espaço privado e aos afazeres reprodutivos.

Tabela 2. Significados das relações patriaricais entre os personagens principais.

ISMAEL	MACU
Violência física, psicológica, verbal e sexual	Medo, frustração e resignação
Agressividade, ciúmes, desconfiança e infidelidade	Vulnerabilidade, insegurança e ingenuidade
Abuso de poder e autoritarismo	Abandono familiar e maternidade
Dominação	Dependência.

Fonte: Elaboração própria com base na análise do filme.

As categorias elaboradas a partir da análise semiótica foram as seguintes: poder; relação de dominação masculina e submissão feminina; e elementos que reforçam a dominação, como nível educacional, pobreza e estrutura familiar. Essas categorias estão sintetizadas no quadro a seguir.

Tabela 3. Categorias elaboradas a partir da análise semiótica.

Categorias	Evidências – expressões – manifestações.
Poder	Na esfera pública: Ismael representa uma instituição de poder.

	Na esfera privada: Ismael representa o provedor de recursos materiais e proporciona segurança à família. Ismael utiliza a violência para dominar e controlar Macu. Macu exerce o poder por meio de sua sexualidade.
Relação de dominação-subordinação.	Papéis socialmente aceitos de dominação: policial, marido, amante, padrasto e pai (exercidos por Ismael). Papéis de subordinação socialmente reconhecidos: dona de casa, enteada, esposa, mãe e filha (exercidos por Macu).
Sexualidade	Identifica-se uma dupla construção da sexualidade de Macu, por meio da relação menina-mulher, expressa na visão de vítima e de devoradora de homens. Reconhecimento do exercício precoce da sexualidade de Macu por meio do casamento.
Moralidade	Normalidade das condutas: não há preconceito nem sentimento de culpa. Isso se evidencia na legitimação da relação amorosa entre Macu e Ismael, independentemente da extrema diferença de idade e da relação anteriormente existente entre padrasto e enteada.
Vestimenta dos personagens	**Ismael:** O uniforme lhe confere poder para exercer a violência de forma arbitrária e abusiva nas esferas pública e privada. **Macu:** Usa roupas infantis, que ocultam sua identidade de mulher e projetam uma imagem de vulnerabilidade e desamparo. Também utiliza uniforme escolar. **Mãe de Macu:** Usa roupas acetinadas e chamativas, acompanhadas de gestos e cenas de prazer que definem sua representação.

Reforçadores da dominação (nível educacional, pobreza e estrutura familiar).	**Nível educacional:** Macu acaba se tornando analfabeta funcional, enquanto Ismael exibe seus diplomas, que refletem certo reconhecimento social. **Pobreza:** O filme se desenvolve em um bairro popular de Caracas, em um contexto de precariedade socioeconômica. **Estrutura familiar:** Observam-se dois tipos de estrutura familiar: uma família matricentrada, representada pela família de origem de Macu, e outra formalmente constituída por Macu, Ismael e os filhos.

Fonte: Elaboração própria com base na análise do filme.

4.1. Discussão dos Resultados

A categoria poder manifesta-se de maneira expressiva na figura de Ismael, cuja posição como policial lhe confere autoridade institucional na esfera pública. Na esfera privada, sua condição de provedor econômico contribui para estabelecer uma relação desigual de poder sobre Macu. Essa relação pode ser compreendida a partir da discussão de González Arribas (2024), que analisa o patriarcado como uma estrutura ideológica que legitima práticas de opressão, discriminação e violência, sustentadas por modelos tradicionais de masculinidade. Nesse sentido, Ismael representa uma masculinidade baseada na autoridade, no controle e na imposição de sua vontade, utilizando tanto o reconhecimento institucional quanto a dependência econômica para manter sua posição de domínio.

No que se refere às relações de dominação e subordinação, observa-se a presença de diferentes manifestações de violência física, psicológica, verbal e sexual. Macu permanece submetida a essa

relação em razão do medo, da dependência financeira e da fragilidade de suas redes de apoio. Essa situação dialoga com os estudos de Salmoria e Scheer (2026), que destacam a autonomia econômica como uma condição importante para que mulheres em situação de violência doméstica consigam romper o ciclo de agressões e reconstruir suas trajetórias. A análise também evidencia a reprodução intergeracional de padrões de dominação, uma vez que a mãe e a avó de Macu, em vez de oferecerem apoio diante das violências sofridas, contribuem para a manutenção da relação conjugal. Essa situação demonstra como determinados valores e comportamentos patriarcais podem ser reproduzidos no próprio ambiente familiar.

A sexualidade constitui outra dimensão importante da representação de Macu. A personagem é apresentada por meio de uma dupla construção: de um lado, como uma menina em situação de vulnerabilidade e, de outro, como uma figura associada à sexualidade adulta. Essa representação evidencia o apagamento simbólico da infância feminina e a naturalização de relações conjugais marcadas por profundas desigualdades de idade e poder. Nesse aspecto, os estudos de Cardoso et al. (2022) demonstram que o casamento infantil no Brasil atinge predominantemente meninas e está relacionado a desigualdades socioeconômicas e de gênero. De maneira complementar, Veiga e Zanello (2020) identificam que meninas inseridas em relações conjugais precoces podem vivenciar situações de violência, desamparo afetivo e restrição de suas possibilidades de desenvolvimento. Assim, a relação entre Macu e Ismael permite discutir como a infância feminina pode ser atravessada por normas sociais que antecipam responsabilidades conjugais e maternas.

A violência contra Simón e seus amigos também merece atenção, especialmente por sua relação com a manutenção da autoridade masculina de Ismael. A eliminação daqueles que representam uma ameaça à sua posição evidencia a associação entre masculinidade, violência e controle dos comportamentos considerados desviantes. Essa interpretação pode ser articulada à discussão de González Arribas (2024), segundo a qual as estruturas patriarcais também condicionam a construção das identidades masculinas e legitimam práticas de violência. Entretanto, a interpretação de uma possível dimensão homofóbica dessas agressões deve estar vinculada às evidências apresentadas pela narrativa cinematográfica, evitando atribuir uma motivação que não esteja claramente demonstrada.

Por fim, a pobreza, a escolaridade limitada e a organização familiar aparecem como elementos que intensificam as condições de vulnerabilidade de Macu. O contexto socioeconômico representado no filme restringe suas possibilidades de autonomia e inserção profissional, enquanto a interrupção da escolarização compromete suas oportunidades de desenvolvimento. Vasconcelos e Griebeler (2023), ao investigarem os efeitos do casamento infantil sobre a trajetória educacional de meninas brasileiras, identificam consequências negativas relacionadas à frequência escolar e à distorção idade-série. Além disso, a análise de Veiga e Zanello (2020) relaciona pobreza, gênero e casamento infantil, evidenciando como as desigualdades sociais podem limitar as possibilidades de escolha das meninas.

Quanto à estrutura familiar matricentrada, a contribuição de Moreno (1995) permanece relevante como referência conceitual para compreender a organização de determinadas famílias venezuelanas, embora deva ser complementada por estudos contemporâneos.

Dessa forma, os resultados indicam que a dominação exercida sobre Macu não se limita à relação conjugal, mas está associada a um conjunto de condições sociais, econômicas, educacionais e culturais que contribuem para a reprodução das desigualdades de gênero.

5. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do filme Macu, la mujer del policía permitiu compreender como o patriarcado se manifesta e se reproduz nas relações sociais, articulando mecanismos de poder presentes tanto na esfera pública quanto na privada. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi alcançado, uma vez que a análise semiótica possibilitou identificar diferentes expressões da dominação masculina, evidenciadas pela autoridade institucional, pelo controle econômico, pela violência física, psicológica, verbal e sexual, bem como pela imposição de papéis sociais que colocam as mulheres em posições de subordinação.

Os resultados demonstraram que as relações de dominação não se restringem às atitudes individuais de Ismael, mas estão relacionadas a uma estrutura social que legitima a autoridade masculina e naturaliza a submissão feminina. Essa dinâmica também se manifesta na reprodução de comportamentos patriarcais no ambiente familiar, especialmente nas atitudes da mãe e da avó de Macu, que contribuem para a manutenção da relação abusiva ao reproduzirem discursos de resignação e dependência. Dessa forma, constatou-se que a violência de gênero não ocorre de maneira isolada ou exclusivamente unilateral, podendo ser reproduzida e legitimada por diferentes integrantes do núcleo familiar.

Verificou-se, ainda, que a pobreza, a baixa escolaridade, a interrupção dos estudos e a dependência econômica constituem fatores que ampliam a vulnerabilidade de Macu e restringem suas possibilidades de autonomia. A representação da personagem evidencia também o apagamento simbólico da infância feminina, especialmente pela antecipação de papéis conjugais e maternos em uma relação marcada pela desigualdade de idade e poder. Assim, a hipótese de que o patriarcado se manifesta por meio da articulação entre fatores culturais, econômicos, familiares e institucionais foi corroborada pelos elementos identificados na narrativa cinematográfica.

No âmbito das contribuições teóricas e práticas, o estudo demonstra a relevância da análise semiótica associada à perspectiva de gênero para compreender como as produções cinematográficas representam, reproduzem e, ao mesmo tempo, possibilitam questionar as relações de poder e as desigualdades sociais. O cinema apresenta-se, portanto, como um recurso pedagógico e reflexivo capaz de estimular debates sobre violência de gênero, infância, sexualidade, relações familiares, diversidade e direitos humanos, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para a promoção de relações sociais mais igualitárias.

Como limitação, destaca-se que a investigação se concentrou em uma única produção cinematográfica, o que restringe a possibilidade de generalizar suas interpretações para o conjunto do cinema venezuelano ou para a realidade das relações de gênero na sociedade. Além disso, a análise semiótica está condicionada às características narrativas, visuais e simbólicas da obra selecionada.

Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o corpus de análise, incorporando outras produções audiovisuais venezuelanas e latino-americanas, bem como estabelecer comparações entre diferentes períodos históricos e contextos socioculturais. Também se considera pertinente desenvolver estudos que articulem a análise cinematográfica com práticas educativas e discussões sobre prevenção da violência de gênero. Conclui-se, portanto, que Macu, la mujer del policía constitui uma obra relevante para problematizar as manifestações do patriarcado e compreender como as relações de dominação e subordinação são construídas, naturalizadas e reproduzidas nas experiências cotidianas, evidenciando a necessidade de questionar as estruturas que sustentam a desigualdade e a violência contra as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-SILVA, Junia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A transgeracionalidade do feminino na família: estudo de caso com três gerações de mulheres casadas. **Revista de Psicologia, v.** 13, n. 2, 2022. DOI: https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.2.2022.1.

BARRERA, Marcos. **Análisis en investigación.** Caracas: CIEA-SYPAL-Quirón, 2009.

BIROLI, Flávia; QUINTELA, Débora Françolin. Divisão sexual do trabalho, separação e hierarquização: contribuições para a análise do gênero das democracias. Política & Trabalho: **Revista de Ciências Sociais,** n. 53, p. 72–89, 2021. DOI: https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.51417.

BOSCÁN, Antonio. Compreensão da masculinidade para implementar políticas mais eficazes contra a violência dirigida às

mulheres. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer,** Caracas, v. 17, n. 39, p. 175–186, jul./dez. 2012.

CARDOSO, Andressa Souza et al. Casamento infantil no Brasil: uma análise da Pesquisa Nacional de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 27, n. 2, p. 417–426, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.41692020.

CARNEIRO, Rosamaria Giatti. A regulação da maternidade, os pactos de cuidado e as gerações em seus entre-tempos: notas etnográficas sobre mães e filhas a partir do contexto brasileiro (1970-2020). Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 39, e22312, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2023.39.e22312.a.pt

CASTELLANO, Ana María; GOVEA-CABRERA, Jorge; BRAVO, Yessica. Comportamientos violentos de mujeres contra mujeres en los hogares zulianos: una cadena intergeneracional. **Interacción y Perspectiva: Revista de Trabajo Social,** v. 14, n. 1, p. 3–25, 2024. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.8319361.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la "invención del otro". In: LANDER, Edgardo (comp.).** La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 145–161. Disponível em: https://www.tni.org/files/download/La%20colonialidad%20del%20saber.%20Eurocentrismo%20y%20ciencias%20sociales.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

CINTRA, Andrea de Mello. Migração feminina venezuelana no Brasil e a teoria da reprodução social. **Anais do Encontro Internacional e**

Nacional de Política Social, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/einps/pt_BR/article/view/45664.

COBLEY, Paul; JANZ, Litza. **Semiótica para principiantes.** Buenos Aires: Longseller, 2004.

CUVI, María. **La identidad de género.** Quito: CIESPAL, 1992. Material didático do Curso Internacional de Producción de Pequeños Formatos Radiofónicos sobre Mujer y Desarrollo.

FERNÁNDEZ-CASTRILLO, Carolina; LARA LÓPEZ-ARZA, Carlos. Integración de la violencia simbólica en la teoría fílmica feminista: visibilizando lo invisible. **Arbor,** v. 198, n. 805, 2022. DOI: https://doi.org/10.3989/arbor.2022.805014

FERREIRA, A. T. R. de J. F. et al. A representatividade de mulheres latinas no cinema: revisão sistemática. Boletim de Conjuntura (BOCA), **Boa Vista,** v. 14, n. 42, p. 36–55, 2023. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.7995589.

FONTENLA, Marta. **¿Qué es el patriarcado?** In: GAMBA, Susana Beatriz (coord.). Diccionario de estudios de género y feminismos. Buenos Aires: Biblos, 2008. Disponível em: https://www.pensamientopenal.com.ar/system/files/2016/06/doctrina43561.pdf. acesso em: 14 de novembro de 2025.

GONZÁLEZ ARRIBAS, Brais. Patriarcado, género y violencia: hacia una nueva masculinidad en bell hooks. **Revista de Filosofia Aurora, Curitiba,** v. 36, n. 65, e202431213, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/2965-1557.036.e202431213

GRUBBA, Leilane Serratine. A representação da mulher no cinema: um estudo a partir da pesquisa em estado do conhecimento. Seqüência**: Estudos Jurídicos e Políticos, Florianópolis,** v. 43, n. 92, 2022. DOI: https://doi.org/10.5007/2177-7055.2022.e77652.

GUNADI, Andini Damayanti; AZWAR, Azwar. Semiotic exploration of Indian patriarchy: Roland Barthes' perspective on Gangubai Kathiawadi. Dewa Ruci: **Jurnal Pengkajian dan Penciptaan Seni,** v. 19, n. 1, 2024. DOI: https://doi.org/10.33153/dewaruci.v19i1.5836.

KAMITA, Rosana Cássia. Relações de gênero no cinema: contestação e resistência. Revista **Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1393–1404, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1393.

LERNER, Gerda. **The creation of patriarchy.** New York: Oxford University Press, 1986.

MORENO, Alejandro. **La familia popular venezolana.** Caracas: Centro de Investigaciones Populares; Fundación Centro Gumilla, 1995.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, globalización y democracia.** Lima: Sociedad y Política Ediciones, (Lima, diciembre del 2000).

SALMORIA, Camila Henning; SCHEER, Taís de Paula. Independência econômica da mulher como ferramenta para quebra do ciclo da violência doméstica e familiar. **Revista CNJ, Brasília,** v. 10, n. 1, p. 121–136, 2026. DOI: https://doi.org/10.54829/revistacnj.v10i1.969.

SANTANA COVA, Nancy. La cuestión de género en la frontera de la objetivación-subjetivación de las relaciones sociopolíticas y culturales. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer,** Caracas, v. 10, n. 25, p. 71–84, jul./dez. 2005.

VALLADARES-RUIZ, Patricia. Subjetividades en crisis y conflicto social en el cine venezolano contemporáneo: Desde allá (2015), La familia (2017) y La soledad (2016). **Revista de Estudios Hispánicos,** v. 54, n. 2, p. 409–429, 2020. DOI: https://doi.org/10.1353/rvs.2020.0034

VASCONCELOS, Andressa Mielke; GRIEBELER, Marcelo de C. Casadas e pouco educadas: os efeitos do casamento infantil feminino sobre atraso e frequência escolar. **Estudos Econômicos** (São Paulo), v. 54, n. 3, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-53575432avmg.

VEIGA, Marília Vilela Alencastro; ZANELLO, Valeska Maria. Escolher é ser escolhida: meninice, pobreza e casamento infantil no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa,** v. 36, número especial, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe18.

VELA, Gema. “Casada con esto”: la oficina doméstica como espacio de conciliación en Paquita Salas. Hispanic **Research Journal,** v. 24, n. 1, p. 21–37, 2024. DOI: https://doi.org/10.1080/14682737.2024.2319449.

WULANDHARI, Windhi; REZA, Fikri. Representation of patriarchal culture in the film Women Talking (2022). **International Journal of Advanced Multidisciplinary,** v. 2, n. 4, p. 1247–1258, 2024. DOI: https://doi.org/10.38035/ijam.v2i4.1475.

---

[1] Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Espírito Santo (UFES), Brasil. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.

[2] Doutor em Recursos Naturais pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.

[3] Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[4] Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás (PPGE/UFG). E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[5] Licenciado em Secretariado pela Universidade Cesumar (UNICESUMAR), Paraná, Brasil. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail.